

Textos homéricos e dados arqueológicos
Relações entre o mundo egeu e o Oriente durante o Bronze Recente

Rivan Menezes dos Santos

Doutor em arqueologia histórica, Grenoble, França

Professor de arqueologia e história na *Faculté Adventiste de Théologie*, França

rivan.santos@orange.fr

Resumo: Procurar uma comparação entre achados arqueológicos e textos da *Iliada* e da *Odisséia* é algo criticável pois esta literatura não é considerada histórica e suas origens e conteúdo são ainda sujeitos a discussão. O pesquisador que se interessa ao estudo da civilização grega à partir do Bronze Recente (entre 1600 e 1065), pode utilizar os poemas homéricos para compreender certos traços dessa civilização, mas deve interrogá-los com reserva¹. Em minha linha de pesquisa sobre as relações entre o mundo grego e o Oriente mediterrâneo durante o Bronze Recente, me parece pertinente interrogar não apenas os documentos arqueológicos mas igualmente os textos homéricos. Temos procurado verificar qual o grau de aproximação entre o que é apresentado pela *Iliada* e *Odisséia* concernente as relações internacionais do mundo grego e o que conhecemos à partir pelos documentos arqueológicos, com a finalidade de procurar compreender as origens o material utilizado por Homero. Também procuramos verificar se os textos homéricos são susceptíveis de nos fornecer elementos que possam esclarecer um pouco mais esta linha de pesquisa.

Palavras-Chave: I. Homero-Arqueologia; II. Mundo Egeu; III. Grécia-Oriente

Abreviações:

Períodos arqueológicos

BR	Bronze Recente
HR	Heládico Recente
MR	Minóico Recente

¹. « Poesia oral que acumula e preserva fórmulas métricas durante muitos séculos, a epopéia não pode servir de fio condutor para o historiador, pois ela filtra um material épico transmitido de geração em geração. Os poemas homéricos, definitivamente, são uma fonte problemática para o historiador da época miceniana. » R. Etienne, C. Müller e F. Prost, 2000, p. 48.

Cronologia

Utilizaremos a cronologia mais aceita atualmente para o estudo do Heládico Recente, a proposta por Warren e Hankey, 1989.

PERIODOS	DATAS	EGITO
HR I / MR I A	1600-1500	Apófis/Ahmoze
HR II A / MR I B	1500-1440	Ahmoze-Thutmose III
HR II B / MR II	1440-1390	Thutmose III-Amenófis III
HR/MR III 1A	1390-1370/60	Amenófis III
HR/MR III A2	1370/60-1340/30	Amenófis III-Horemheb
HR/MR III B	1340/30-1185/80	Horemheb-Fim XIXe dinastia
<i>B1</i>	<i>1330-1250</i>	<i>Subdivisão geral</i>
<i>B2</i>	<i>1250-1180</i>	
HR/MR III C	1185/80-1065	Fim da XIXe-Fim da XXe din.

Introdução

É verdade que outros autores da literatura grega mencionam as relações entre a Grécia e o Oriente durante o Bronze Recente², mas, esses textos foram fortemente influenciados pela história grega dos períodos mais recentes e em particular pelas colonizações da época do VIII e VII séculos³. Com certeza, a *Ilíada* e a *Odisséia* sofreram igualmente, a lei das alterações e das adições na composição, mas são ainda considerados o eco mais antigo do mundo grego no que concerne o nosso assunto.

A *Ilíada* e a *Odisséia* apresentam dez passagens explícitas mencionando a presença de egeus⁴ no Oriente (Síria-Palestina, Chipre e Egito) ou de orientais no Egeu. Três passagens concernem Chipre, quatro a Síria-Palestina e três o Egito. Neste trabalho, apresentaremos estes textos e, comparando com o que sabemos destas relações através dos dados arqueológicos, tentaremos mostrar certa pertinência e que longe de serem pura invenção do autor, as passagens podem se referir à acontecimentos plausíveis, mesmo se evidentemente floreados.

² Principalmente Hesíodo, Heródoto, Tucídides, Deodoro da Sicília, Estrabão e Pausânias.

³ Todas as datas mencionadas aqui são evidentemente antes de Cristo.

⁴ Para esta época é mais adequado utilizarmos o termo « egeu » ao « grego » ou Grécia.

I. Relações entre o mundo egeu e a Síria-Palestina

A região chamada Síria-Palestina, aparece nos poemas homéricos sob a designação de Fenícia, região geralmente constituída pela banda de terra localizada na costa marítima, à partir do monte Carmelo, atual Israel, ao Sul, até Tel Suquas ao Norte, ao Sul de Ugarite (Moscati, 1997, p. 20). Evidentemente, não se pode delimitar exatamente o território ao qual os poemas homéricos se referem quando mencionam Fenícia, mas podemos considerar que se trata, em geral, desta região.

1. Atividades de mercadores fenícios no Egeu

A única cidade mencionada por Homero quando ele fala da Fenícia é Sidom. Nos parece que ele prefere os termos de fenício-fenícia e Fenícia (para habitante ou região) de uma maneira geral. Um primeiro texto apresenta Eumeu, o servo de Ulisses, contando suas origens e afirmando que seu pai reinava em Siros e Ortígia, no mar Egeu. Havia em sua casa uma escrava, a filha de um rico personagem de Sidom que tinha sido raptada pelos fenícios e vendida na região do Egeu. Eumeu, sendo ainda criança, foi também vendido pelos fenícios a Laerte, o pai de Ulisses (*Odisséia*, XV, 402-522). Este primeiro texto nos apresenta Sidom como um centro reputado pelo comércio de bronze e também como um centro importante de tráfico de escravos com o mundo grego. Podemos ainda notar que, segundo o texto, os barcos fenícios cruzavam o Egeu transportando mercadorias e escravos não apenas do Oriente para o Ocidente mais também de um ponto a outro no interior mesmo do mar Egeu. Assim, após ter vendido a jovem sidônia em Siros⁵, uma das ilhas das Cícladas, eles a vendem mais tarde em Ítaca.

Estes textos também nos fazem pensar a certas menções encontradas em tabuinhas de argila em linear B referentes a habitantes da Fenícia que se encontravam no Egeu⁶. Na realidade, esta jovem sidônia, « artista em belos trabalhos », era a filha de uma rica família. Este detalhe pode indicar que os escravos vendidos no mundo egeu o eram não unicamente por um problema de mão-de-obra mas sobretudo porque eram profissionais em trabalhos especializados, como as pessoas que viviam no seio de famílias abastadas poderiam ser. Provavelmente, este era o tipo de pessoas que se acham registradas em algumas tabuinhas em linear B. Por exemplo, *ku-wa-no*

⁵ Jean Bérard. *Homère*, Paris: Gallimard, 1955, p. 760, nota 1, observa que a menção de Siros, ilha de uma certa importância durante a época miceniana, contrariamente à época clássica, mostra uma vontade do autor da *Odisséia* de situar os acontecimentos durante o Bronze Recente.

⁶ « Pe-ri-ta » (habitante de Beirute), termo que aparece em duas tabuinhas de Cnossos e uma de Pilos. Cline, 1994, p. 129, E9; Chadwick e *al.*, 1986, p. 35; Killen e Olivier, 1989, p. 219 e 336. “Tu-ri-jo” (Turios, habitante de Tiro), termo encontrado em uma tabuinha de Cnossos e uma de Pilos. Cline, 1994, E10; Ventris e Chadwick 1973, p. 588; Killen e Olivier, 1989, p. 254. “Po-ni-ki-jo” (fenícia ou fenício), termo que aparece sobre várias tabuinhas de Cnossos. Cline, 1994, 9. 129; Ventris e Chadwick, 1973, p. 222, 441 e 573.

(kuanoi), que significa material ou trabalho com vidro colorido. Este termo aparece em algumas tabuinhas provenientes de Pilos e Micenas e deve se referir ao acadiano *uqnu*. Referência tanto ao material, kuanoi, como aos artesãos, *ku-wa-no-wo-ko-i* (Cline 1994, p. 131, E20). Se este termo se refere aos artesões, isto pode significar que eles estavam presentes no mundo egeu provavelmente trazidos como escravos, capturados no Oriente e vendidos pelo seu conhecimento técnico, como a sidônia, citada na *Odisséia*. É interessante notarmos que as pesquisas arqueológicas já encontraram vinte e uma tabuinhas em argila com escritura em linear B, provenientes de Cnossos, Pilos, Tebas, Micenas e Tirinto, mencionando pessoas ou objetos provenientes de regiões do Mediterrâneo. Ora, dez fazem menção a Síria-Palestina, quatro a Anatólia, três a Mesopotâmia, duas a Chipre e duas ao Egito⁷, o que mostra, entre outros dados que veremos a seguir, que as relações entre o Egeu e a Síria-Palestina eram próximas, durante o HR III.

Um segundo texto menciona igualmente transações comerciais de mercadorias e de escravos entre a Síria-Palestina e o mundo egeu (*Ilíada*, XXIII, 745-748). Aquiles oferece, ao vencedor da corrida em honra à morte de Pátroclo, uma cratera de prata, « obra magnífica dos sidônios », comercializada em Lemos⁸ pelos fenícios. Esse objeto tinha sido utilizado anteriormente para resgatar Licaon, filho de Priam, das mãos de Aquiles, o que nos indica seu alto valor.

Um outro texto nos apresenta mais informações concernentes as atividades marítimas dos fenícios no mundo egeu (*Odisséia*, XIII, 256-287). Se refere a mercadores fenícios de Sidom presentes nos portos de Creta e em viagem para o Peloponeso. Ulisses, fugindo de Creta, após ter matado um certo Orsíloco, paga uma passagem junto aos mercadores fenícios para ir ao Peloponeso. Este texto nos fornece indicações sobre as viagens de particulares que podiam se deslocar tanto no interior do mundo egeu como em direção do Ocidente e do Oriente utilizando os serviços de barcos estrangeiros, acima de tudo fenícios. Devemos ainda notar que a jovem sidônia mencionada acima, tinha, ela também, pago sua passagem para voltar a Sidom, mas os marinheiros fenícios a tinham enganado e no lugar de levá-la de volta a Fenícia a tinham vendido em Ítaca (*Odisséia*, XV, 448-449).

⁷. Ver apresentação em Menezes dos Santos, 2004, p. 180-189. Por volta de 4.400 tabuinhas em argila foram encontradas no total. As de Cnossos são datadas de 1370 e as do continente grego do XIII século.

⁸. *Ilíada*, XXI, 34-41 ; XXII, 745-749. Lemos era governada por um descendente de Jason e participou ao conflito contra Tróia do lado dos gregos (*Ilíada*, VII, 467-471).

2. Estadia de egeus na Síria-Palestina

Dois outros textos (*Odisséia*, IV, 78-81, 611-617 e XIV, 291-295) mencionam a presença de egeus em Síria-Palestina. Um primeiro nos apresenta a estadia de Ulisses na casa de um grande comerciante fenício durante quase um ano e também a estadia de Menelau, rei de Lacedemônia. Se de um lado a estadia de Ulisses não foi muito agradável, pois, segundo ele, o objetivo do rei fenício era vendê-lo como escravo na Líbia, por outro lado, a estadia de Menelau parece ter sido coroada de sucesso. Por ocasião de seu retorno de Tróia, uma tempestade desviou seus barcos até o Oriente, de onde eles voltaram carregados de riqueza, após uma estadia de sete anos. Ele ficou na casa do rei de Sidom, Faidimo, que lhe ofereceu uma cratera de prata, que Menelau considerava como o objeto mais precioso do seu palácio.

3. Característica das relações de acordo com os textos

Estes textos que apresentam alguns elementos ligados às relações entre o mundo egeu e a Síria-Palestina são essencialmente de caráter comercial. Em momento algum faz-se menção de uma qualquer rivalidade militar ou outra entre as duas regiões. Se estas passagens se referem à época miceniana, elas seriam adequadas aos períodos HR III A e B (1390-1200), momento da mais intensa atividade comercial entre o mundo egeu e a Síria-Palestina, de acordo com os dados arqueológicos. Na realidade, se consideramos os sítios arqueológicos da bacia mediterrânea, deste período, onde foi encontrado material egeu, constatamos que até agora foram recenseados 74 sítios arqueológicos no ocidente itálico, 47 na Anatólia, 62 em Chipre, 49 no Egito e 89 na Síria-Palestina⁹. Por outro lado, estes textos não podem ser adequados ao período HR III C, sobretudo o período final, momento onde as transações comerciais parecem ter diminuído consideravelmente entre as duas regiões e praticamente desaparecidos com o Egito, conforme dados abaixo :

⁹ Ver Menezes dos Santos, 2004, p. 21, carta 1; p. 39, fig. 9 e p. 433, fig. 67. Durante o período HR III B, os sítios egeus contendo material oriental mostram que a Síria-Palestina é a região que mais forneceu.

Porcentagem de todo material arqueológico *oriental encontrado no Egeu* durante o HR.¹⁰

Origem	I	IIA	IIB	III A1	III A2	III B	III C
Anatólia	25			12,5	25		12,5
Chipre	1,37	6,85	3,42	15,75	20,55	17,12	20,55
Síria-Palestina	9,47	3,68	7,37	18,42	15,79	30,52	7,36
Egito	5,88	18,9	9,66	13,02	7,56	10,08	9,24

Porcentagem de material arqueológico *egeu encontrado no Oriente* durante o HR.¹¹

Destino	I	IIA	IIB	III A1	III A2	III A2-B1	III A-B	III B	III C
Anatólia		14	10	9	40			20	7
Chipre	0,34	0,05	0,1	1,9	17	25	5,5	29,7	15
Síria-Palestina	0,21	0,42	0,5	0,7	14,87	14,6	30,67	31,26	2,7
Egito		30. ¹²				69. ¹³			

Sinclair Hood, tendo como fundamento alguns elementos materiais apresentados por Homero, como os capacetes e dentes de javalis, pensa que os poemas homéricos representam o mundo miceniano do HR III C.¹⁴ É arriscado tentar encontrar a datação para o mundo apresentado por Homero levando-se em consideração apenas uma categoria de documentos, pois como os dados nos mostram, durante o HR III C, as relações entre o Egeu e o Oriente tinham diminuído consideravelmente. Na realidade, os elementos materiais apresentados nos poemas homéricos são apenas uma parte dos dados que dispomos para compreender este mundo.

Como veremos mais adiante, as passagens da *Iliada* e da *Odisséia* que apresentam as relações entre o mundo grego e Chipre e o Egito vão nos permitir uma melhor visão sobre o contexto temporal ou cronológico de alguns elementos dos poemas homéricos, quando eles serão comparados com as fontes arqueológicas do HR.

¹⁰ Menezes dos Santos, 2004, p. 433, fig. 67. O resto do material que completa os 100% não pôde ser classificado com certeza. Por exemplo, 25% do material proveniente da Anatólia pertencem aos períodos HR II-III.

¹¹ Menezes dos Santos, 2004, p. 434, fig. 68.

¹² Não pôde ser classificado com certeza.

¹³ HR III A2 e primeira parte do III B ou B1.

¹⁴ Hood, 1995, p. 27-30. Mesma opinião de Dickinson, 1986.

II. Relações entre o mundo egeu e Chipre

1. Estadia do rei de Pafos em Micenas

Três passagens nos apresentam as relações entre o mundo egeu e Chipre, em relação direta com a guerra de Tróia. Um primeiro texto (*Ilíada*, XI, 21-27) menciona um presente do rei de Chipre a Agamêmnon. O rei Ciniras, de Pafos, tinha sido hóspede de Agamêmnon, rei de Micenas, justamente na época em que a frota aquéia se preparava para partir em direção de Tróia. Ciniras ofereceu ao rei de Micenas uma couraça composta de 42 bandas transversais de metais (Cline, 1994, nº 808). É interessante notar que os arqueólogos encontraram em Micenas um fragmento em forma de escama (de 5 x 2 cm) de uma armadura de bronze proveniente da Síria-Palestina, em um contexto do HR III C, o que não significa necessariamente que tenha sido uma importação desta época, pois um tal material se conservava por gerações. Porém o fato de Homero apresentar este objeto como oriental é conforme a realidade histórica.

2. Estadia de egeus em Chipre

Uma segunda passagem (*Odisséia*, IV, 76-81) concerne a estadia de Menelau em Chipre, por ocasião de sua volta de Tróia. O texto não é claro quanto aos meios empregados por Menelau e sua frota para voltar a Grécia, cheio de riquezas, após sete anos no Oriente. Porém, mais adiante, quando será questão de sua estadia no Egito, veremos alguns elementos que podem nos ajudar a responder a esta questão. Uma terceira passagem dos poemas homéricos concernente as relações entre o Egeu e Chipre, nos informa igualmente a respeito de uma estadia de Ulisses em Chipre, na casa do rei Dmetor, após uma passagem pelo Egito (*Odisséia*, XVII, 443-446). Ulisses conta que ele foi feito prisioneiro na região do Delta do Nilo quando seus companheiros saqueavam a região. Ele foi vendido a Dmetor, mas logo depois, sem que o texto nos diga como, ele conseguiu voltar a Grécia.

É importante que coloquemos esta passagem no seu contexto. Ulisses acabou de chegar em Ítaca, em sua casa, mas ainda não se deu a conhecer. Ele engaja uma conversa, primeiro com o seu servidor Eumeu e em seguida com os pretendentes. No canto XIV da *Odisséia*, ele fala de uma viagem que ele tinha feito de Creta ao Egito, depois voltou pela Fenícia. Aqui não é questão de Chipre. Ora, no canto XVII, ele faz mais uma vez menção de uma viagem ao Egito, que tudo demonstra ser a mesma, mas quando de volta, ele teve uma estadia em Chipre e não mais na Fenícia. É possível que os dois textos falem a mesma coisa. Voltando do Egito ele passa pela Fenícia e quase que obrigatoriamente por Chipre, como sabemos ser a realidade na época através

do regime de ventos e correntes marítimas¹⁵. O mais importante neste texto é o fato de que este tipo de viagem existia nesta época e o público de Ulisses sabia disto.

3. Caráter das relações egeu-chipriotas

Estes poucos textos que mencionam Chipre, colocam a ilha em estreita relação com o mundo grego¹⁶. Essas relações são aparentemente estreitas tanto no que concerne a presença pessoal e diplomática quanto ao comércio, si nós as comparamos com as passagens que mencionam os contatos entre o Egeu e a Síria-Palestina, como vimos acima. Na realidade, o primeiro texto, concernente a visita de um rei de Chipre a Micenas, pode ser compreendido como um aspecto diplomático ou estratégico, pois de acordo com Homero, o motivo da viagem era o conhecimento da parte do rei de Pafos do projeto dos Gregos contra Tróia. Isto mostra que ele estava ciente dos planos secretos dos Gregos, o que demonstra uma grande proximidade das relações entre as cortes. Após esta visita e o presente da couraça que o rei de Pafos fez ao rei de Micenas, o chefe supremo dos aliados gregos, ele se coloca diretamente do lado grego e contra o mundo anatoliano¹⁷. Assim, podemos notar nesta passagem uma questão não apenas ligada diretamente a negócios comerciais mas a questões estratégicas e diplomáticas, mesmo se sabemos que estes elementos estavam ligados¹⁸.

É também provável que o rei de uma região da Síria-Palestina tenha ido visitar o mundo grego, por alguma razão, mas Homero não faz menção¹⁹. O poeta coloca as relações egeu-orientais sob um plano mais comercial e as relações egeu-chipriotas sob um plano diplomático e estratégico. No que concerne esta questão de estratégia, o poeta apresenta, por duas vezes, o mundo egeu em relação com a Síria-Palestina através da rota marítima que passa por Chipre. Assim, a viagem de Menelau, do mundo grego ao Oriente e a de Ulisses do Oriente para o mundo grego, passam por Chipre. Isto não significa que o poeta só conheça esta rota, pois ele

¹⁵ De acordo com pesquisas recentes, levando-se em consideração o regime de ventos e das correntes marítimas durante os meses de navegação, uma viagem entre o mundo grego e o Egito podia ser direta, pois um vento Norte-Sul (ventos Etésios) assim que as correntes marítimas Oeste-Este permitiam tal feito. Porém, uma viagem direta do Egito à Grécia não era possível até a época romana, quando novas técnicas de navegação foram desenvolvidas. Em princípio, uma viagem da Grécia para o Oriente (Egito, Síria-Palestina e Chipre) eram realizadas conforme a direção contrária das agulhas de um relógio. Ver Pomey (org.), 1997, p. 26-27 e Menezes dos Santos, 2004, p. 264-269.

¹⁶ Uma outra passagem da *Odisséia* faz de Chipre o local onde habitava Afrodite. *Odisséia*, VIII, 362-368.

¹⁷ Observaremos este aspecto num próximo trabalho sobre as relações entre o mundo egeu e a Anatólia de acordo com os poemas homéricos e os dados arqueológicos.

¹⁸ Temos como prova das relações comerciais estreitas com Chipre, durante o HR III A e B, a grande quantidade de material egeu encontrado na ilha e como evidência de relações diplomáticas o fato de Chipre constituir um local de refúgio para egeus durante a época turbulenta dos séculos XI e X, o por coincidência (?) a região de Pafos, a mesma apresentado por Homero. Baurain, 1997, p. 168.

¹⁹ Alguns objetos encontrados no Egeu e originários da Síria-Palestina podem demonstrar as relações entre autoridades destas regiões ou mesmo em visitas de dignitários. Assim dois diademas em ouro e um fragmento de uma armadura encontrados em Micenas, também o que parece ser um cetro real encontrado em Tebas (Beócia, Grécia). Cline, 1994, n° 967-968, 808 e 19.

menciona uma outra direta do Egeu para o Egito, como veremos mais adiante. Estes textos indicam claramente que Chipre não constituía o limite do avanço egeu em direção do Oriente.²⁰

Estes textos nos permitem pensar que, no imaginário popular do mundo de Homero, as relações entre o mundo egeu e a Síria-Palestina estavam essencialmente ligadas à atividades comerciais, enquanto que as relações com Chipre baseadas em interesses estratégicos, sem que os elementos comerciais fossem negligenciados. Os dados arqueológicos concernentes às relações egeu-chipriotas confirmam que elas eram estreitas durante a época HR III A2 até o HR III B e mesmo se há uma diminuição durante o HR III C, elas são mais intensas que com a Síria-Palestina, conforme os quadros apresentados acima. A visita do rei de Pafos em Grécia, mesmo se não é histórica, pode demonstrar o fato de egeus se deslocarem em massa em direção de Chipre durante os séculos XI e X, momento de acontecimentos turbulentos no Mediterrâneo oriental.

III. Relações entre o mundo egeu e o Egito

Os textos homéricos mencionando as relações entre o mundo egeu e o Egito nos permitem uma melhor compreensão das relações egeu-orientais de um modo geral. Das quatro passagens que nos apresentam este assunto, três são comparáveis aos dados arqueológicos que indicam a presença de egeus na Síria-Palestina, como veremos adiante.

1. Um habitante de Ítaca chamado *Egípcio*

Antes da apresentação destas passagens, seria importante mencionar uma passagem da *Odisséia* comparável a duas tabuinhas em argila em linear B provenientes de Cnossos (*Odisséia*, II, 15-34). Concerne a menção de um morador de Ítaca chamado *Egípcio*, que no momento da convocação da assembléia por Telêmaco, toma a palavra em primeiro. Ele deve seu nome talvez pelo fato de ter feito alguma viagem ao Egito ou pelo fato de ser uma pessoa sábia e cheia de experiência, como precisa a passagem « um herói carregado de anos, que conhecia mil coisas » ou ainda por algum outro motivo que ignoramos. Em todo caso, ele não era um escravo egípcio, pois ele tinha direito à palavra na assembléia, que primeiro entre todos pede a razão da convocação.

O texto não nos esclarece sobre o motivo do seu nome e mesmo se este termo nos lembra os documentos em linear B apresentados acima ele é portanto diferente pelo fato de que em Homero se trata de uma habitante de Ítaca e não de um estrangeiro. Que tipo de relação poderia

²⁰ Como foi proposto por exemplo por P. Darcque in Treuil, 1989, p. 444.

ter uma ilha como Ítaca com o Egito? As três passagens que seguem poderão nos fornecer algumas indicações, pois elas mencionam estadias de reis egeus como Aquiles, Menelau e Ulisses no Egito.

2. Estadia de egeus no Egito

O texto que menciona a estadia de Aquiles no Egito, não nos indica claramente as condições de sua viagem. Aquiles, falando de suas riquezas e poder, faz referência a cidade de Tebas do Egito, como alguém que a conhece bem : « Ah! Mesmo se ele me oferecesse dez vezes ou vinte vezes mais que toda a sua fortuna presente e futura, se ele me oferecesse os tesouros que enchem Orcomenos, os de Tebas do Egito, cidade onde cada casa é repleta de riquezas, cidade que possui cem portas e por onde se vê passar duzentos guerreiros em cada uma com seus cavalos e carros... » (*Ilíada*, IX, 379-385). Esta curta passagem não nos permite obter informações precisas sobre uma possível estadia de Aquiles em Tebas do Egito, mas é interessante notar que Homero (IX ou VIII séculos?) se refere a esta cidade como a mais rica do Egito. Este elemento é conforme a realidade histórica, pois Tebas floresceu durante o Bronze Recente (1500-1200) antes de perder sua posição para as cidades do Delta sob os Ramsés, principalmente Tânis, Bubastis e Saís.²¹

Um outro texto, menciona a estadia de Ulisses no Egito, no momento em que ele conta sua vida ao seu servo Eumeu (*Odisséia*, XIV, 246-297).²² Ulisses menciona suas muitas viagens ao Oriente. Ele se apresenta como sendo um cretense que equipou nove barcos para ir diretamente da Creta ao Nilo e isto em cinco dias. Os seus marinheiros, desobedecendo as suas ordens, devastaram a região e foram capturados pelo rei. Ulisses foi agraciado e ficou sete anos « ajuntando muitos bens: todos me davam presentes no Egito ». No oitavo ano, ele partiu, com um mercador fenício em direção a Fenícia, onde ele ficou um ano. De lá ele foi a Líbia, antes de retornar a Ítaca. De acordo com Homero, egeus organizavam barcos para irem ao Egito, seja por motivo de comércio ou para saquear. No que concerne as rotas marítimas, elas correspondem às que eram utilizadas nesta época do HR II e III, conforme visto acima. O mais importante, não é sabermos se Ulisses está mentindo mais uma vez ou não, mas compreendermos que este tipo de atividade e viagens são conformes à documentação arqueológica.

²¹ Com a instauração da XXI dinastia, por volta de 1069 (final do HR III C) com o faraó Nesbanebdjed I, chamado Smendés par Maneton, Tânis, no Delta do Nilo, vem a ser a capital e necrópole real. Tebas nunca mais terá esta função.

²² Parece que a estadia no Egito a qual se refere Ulisses no canto XVII, 440-446 seja a mesma, apesar de algumas diferenças no que concerne o itinerário de retorno.

A passagem que se refere à estadia de Menelau no Egito é a que nos fornece os elementos mais interessantes sobre as relações egeu-orientais (*Odisséia*, IV, 351-587). De acordo com esta passagem, quando Telêmaco se encontrava em Pilos para obter informações sobre seu pai, o rei Nestor lhe conta as dificuldades de Menelau no momento de sua volta de Tróia. Como ele foi irrespeitoso com os deuses, sua frota se desviou e cinco barcos acabaram chegando ao Egito onde Menelau aproveitou a oportunidade para aumentar sua riqueza. Ele ficou sete anos navegando com sua frota no Nilo (*Odisséia*, III, 300-311; IV, 475-484, 580 *Odisséia*, III, 300-311; IV, 475-484, 580). O texto não nos fornecem elementos mais precisos sobre o método utilizado por Menelau para voltar com seus barcos « repletos de ouro e provisões ».

Quando Telêmaco vai a Esparta, ao rei Menelau, este lhe fala um pouco mais sobre estes acontecimentos no Egito. Ele diz ter passado por Chipre, pela Fenícia, pelo Egito, pela Etiópia e pela Líbia (*Odisséia*, IV, 78-83). Um pouco mais tarde, durante a conversa, outras informações nos são dadas com respeito a esta estadia de Menelau no Egito. Na realidade, ele esteve em Tebas, “onde as casas abrigam riquezas sem conta” e onde sua esposa Helena e ele mesmo receberam ricos presentes de um casal da cidade. Alcandra, a mulher de um certo Pólipo, tinha oferecido a Helena um canastro de prata sobre rodas e uma roca de ouro. Quanto a seu marido, ele ofereceu a Menelau duas banheiras de prata, duas trípedes de ouro e dez talentos de ouro (*Odisséia*, IV, 123-136). Helena, também recebeu da rainha Polidama, mulher de Tum, do Egito, um bálsamo (remédio?) que « calma a dor, a angústia e faz desaparecer todos os maus e tristezas durante todo um dia » (*Odisséia*, IV, 218-230). Para encontrar o caminho de volta, Menelau encontra em Faros um certo Proteo, velho sábio profeta (*Odisséia*, IV, 351-587).

3. Estadia de Menelau e a documentação epigráfica e iconográfica

Estes textos são interessantes se comparados com as pinturas de algumas tumbas de nobres egípcios, justamente de Tebas, que apresentam egeus oferecendo presentes a dignitários egípcios. As imagens são acompanhadas de inscrições mencionando a presença de « chefes » da região *Keftiou* e das “ilhas que estão no meio da Grande Verde” (Menezes dos Santos, 2004, p. 71-79 e 537-549). Na realidade, a viagem de Menelau e sua frota comporta praticamente todos os elementos que podemos encontrar nestas representações, tanto no que concerne a iconografia quanto a epigrafia, como veremos em seguida.

O grupo conduzido por Menelau se apresenta em Tebas. Os egeus representados nas tumbas de Tebas e mencionados nas inscrições, são originários das ilhas e de Keftiou. A localização desta região é ainda tema de debate entre eruditos, mas pode ter duas localizações :

no Egeu ou na costa da Síria-Palestina²³. O caso de Menelau e de sua frota está ligado às duas origens possíveis, pois de um lado eles são originários do Peloponeso mas por um outro eles chegam ao Egito após uma estadia na Síria-Palestina. É possível que uma tal delegação tenha ido acompanhada do rei de Sidom Faidimo, que tinha acolhido Menelau em seu palácio, como vimos acima. Neste caso, nós teríamos um quadro semelhante ao representado na tumba de Menkheresebeb, por exemplo (Waschmann, 1987, pl. XXXIV-XXXVI), onde vemos dignitários egeus acompanhados de dignitários siro-palestinos. Este elemento geográfico é assim bastante conforme aos documentos arqueológicos do HR II e III onde as relações entre o mundo egeu e a Síria-Palestina, passando pelo Egito, são abundantes.

O segundo elemento de comparação é a presença de um tipo de delegação egípcia constituída de personagens de uma posição elevada, pois elas são denominadas pela documentação egípcia de « chefes » ou « reis » (Menezes dos Santos, 2004, p. 538-542). Na passagem de Homero, Menelau é o rei de Lacedemônia e ele se apresenta com uma frota e uma comitiva importante assim que sua esposa. Foi já mencionado que outros reis ou chefes egeus foram a Tebas, como Aquiles e Ulisses, mas os textos homéricos não são explícitos sobre a significação da estadia destes dois personagens, ao contrário de Menelau.

O terceiro elemento está ligado à questão dos negócios comerciais de Menelau com Tebas. O texto nos informa que sua mulher Helena e ele mesmo tinham recebido presentes suntuosos, como móveis e mesmo remédios especiais, de um rico casal tebano e do próprio rei e rainha do Egito. Isto nos faz pensar nas representações dos nobres tebanos que recebiam comitivas estrangeiras, como as da tumba de Rekhmarê, onde vários tipos de produtos são transportados (Menezes dos Santos, 2004, p. 538). Não sabemos muita coisa no que concerne as atividades de Menelau no Egito, mas o que é mencionado é bastante semelhante às representações iconográficas. Também não sabemos o que Menelau transportou ou comercializou no Egito, mas é possível e mesmo provável, de acordo com os hábitos da época, que ele tenha trocado seus produtos transportados de Tróia e ou obtidos ao longo do seu percurso até o Egito. Este tipo de comércio aparece na documentação arqueológica que dispomos do período HR II e III A e B. Na realidade, várias representações nas tumbas tebanas apresentam egeus levando ao Egito produtos de origem chipriota ou da Síria-Palestina²⁴.

²³ Ver apresentação destas possibilidades em Menezes dos Santos, 2004, p. 65-94.

²⁴ Vimos acima (*Odisséia*, IV, 611-617) um exemplo de objeto obtido em uma região e transmitido em uma outra. Se tratava de uma cratera que Menelau recebeu do rei de Sidom e que ele deu a Telêmaco como presente. Assim, este objeto saiu da Síria-Palestina, chegou ao Peloponeso e de lá foi parar em Ítaca. Nas tumbas tebanas, os egeus são apresentados transportando não apenas produtos originários do mundo grego mas também da Síria-Palestina, como marfins de elefantes e de Chipre, como placas de cobre (tumba 100 de Rekhmarê e tumba 86 de Menkheresebeb, ver Washmann, 1987, pl. XXXIV-XXXVI).

Como quarto elemento de comparação dos textos homéricos e os dados arqueológicos, podemos mencionar a escolha de Homero em apresentar esta viagem de Menelau com tantos detalhes. É interessante notar que o sítio arqueológico de Váfio, na região de Esparta, lugar onde reinava precisamente Menelau, é o local do Peloponeso tendo fornecido a segunda maior quantidade de objetos egípcios durante o período HR, logo após Micenas, pátria do seu irmão e rei Agamêmnon, sítio continental egeu tendo o maior número de objetos egípcios²⁵. É igualmente em Micenas que foi encontrado o maior número de objetos inscritos com o nome de um faraó ou de uma rainha (Menezes dos Santos, 2004, p. 156, fig. 45). O mais interessante, é o fato que todos os objetos provenientes de Váfio são datados do período HR II, que corresponde à maior parte das representações de egeus nas tumbas tebanas. Podemos assim pensar que, com muita possibilidade, a região de Menelau mantinha uma relação especial com o Egito na mesma época em que os egípcios representavam iconográfica e epigraficamente em Tebas as suas relações com os egeus, quer viessem diretamente ou indiretamente pela Síria-Palestina.

Se, de acordo com os textos homéricos, os egeus tinham costume de ficar tanto tempo no Oriente – sete anos para Menelau e Ulisses²⁶ - isto poderia trazer alguma luz sobre os tipos humanos representados nas tumbas tebanas considerados como híbridos²⁷ e considerados por alguns eruditos como sendo o resultado de uma representação errônea do artista egípcio²⁸. Não penso que se trata de um erro de representação que teria misturado as características humanas e vestimentais. É possível que a longa presença – anos - de egeus pertencentes à uma classe social elevada – pelas vestimentas e objetos transportados – na Síria-Palestina tenha contribuído na propagação de certos elementos característicos das vestimentas, por exemplo, e isto nos dois sentidos. É provavelmente este fenômeno que foi representado na iconografia de certas tumbas de Tebas. Temos assim elementos excepcionais para compreendermos como não apenas objetos de arte e produtos circulavam no mundo antigo mas também elementos que não deixam traços arqueológicos concretos como a moda vestimentar.

Sabemos através de registros encontrados nos arquivos de Mari – alta Mesopotâmia - que os egeus exportavam vestimentas para o Oriente²⁹. Assim, o personagem representado na tumba de Anem que está com um calçado de tipo hitita não é necessariamente um hitita. Também, de acordo com a inscrição, ele é originário da região Keftiou, região que nunca foi associada à Anatólia, lugar de origem dos hititas. Igualmente, um dignitário de Mari com calçados cretenses

²⁵ Menezes dos Santos, 2004, p. 149, carta 11, e p. 153, fig. 38.

²⁶ *Odisséia*, IV, 80-84 e XIV, 287-295. Mesmo se este número parece ter uma conotação simbólica, sabemos pelas cartas de el-Amarna que as viagens entre grandes regiões podiam durar anos.

²⁷ Isto significa, com elementos vestimentais e físicos - principalmente o arranjo da barba e dos cabelos – egeus e siro-palestinos na mesma pessoa. Ver Menezes dos Santos, 2004, p. 79-94.

²⁸ Ver Menezes dos Santos, 2004, p. 92, fig. 21.

²⁹ Heltzer, 1989, p. 14, onde temos menção de calçados da Creta.

não é necessariamente um cretense. Com referência aos calçados cretenses registrados nos arquivos de Mari, eles eram de toda evidência destinados às pessoas de Mari. Assim, um artista de Mari pode ter representado simplesmente um dignitário de Mari com calçados cretenses.

As cartas dos arquivos de el-Amarna registram vários casos de vestimentas estrangeiras oferecidas como presente. Por exemplo, Tushratta, rei do Mitani, oferece a Amenófis IV e a sua filha vestimentas, camisas sociais e outras (EA 29).³⁰ Amenófis III oferece « três vestimentas leves em linho e três mantos leves em linho » ao rei Tarhundaradu de Arzawa, na Anatólia, entre outros presentes (EA 31). Ainda, os reis da Síria-Palestina oferecem presentes ao faraó.³¹ Estes exemplos demonstram que devemos ter cuidado em qualificar uma pessoa ou outra como originário de uma região sob a base exclusiva da vestimenta.³²

Levando em consideração estes elementos, penso que os personagens representados nas tumbas de Tebas e reconhecidos como egeus.³³ podem ter vindo diretamente do mundo grego ou passando pela Síria-Palestina. Com efeito, esta hipótese não é apenas fundada na vestimentária ou nos arranjos da barba e dos cabelos, mas igualmente nas inscrições que acompanham a iconografia, que as designam como originários da região *Keftiou* et das *ilhas que estão no meio da Grande Verde*. Também, os personagens possuem algumas traços físicos – como a cor da pele, a forma do nariz e dos olhos e a cor dos cabelos – que encontramos na iconografia encontrada no mundo egeu.³⁴

IV. Caráter geral das estadias de egeus no Oriente

1. Regiões mencionadas por Homero e sítios arqueológicos

Podemos ainda citar um exemplo que nos fornece indicações sobre a localização dos sítios com material arqueológico e com respeito ao tipo de presença de egeus no Oriente. Como vimos acima, de acordo com os poemas homéricos, os egeus que se dirigiam ao Oriente, ficavam por lá alguns anos. Eles viajavam com suas frotas e neste caso não deviam se aventurar muito no interior das terras, salvo no caso do Egito onde o Nilo permitia a navegação pelo menos até Tebas. Este elemento é bastante conforme a localização de sítios orientais onde foram

³⁰ EA = cartas de el-Amarna, encontradas no sítio arqueológico da antiga capital do faraó Akhenaton.

³¹ EA 82, 265 e 369 entre outras.

³² Temos ainda, por exemplo, um texto bíblico deste período (época em que Israel começa a ocupar Canaan) onde um israelita, um certo Acã, encontrou em Jericó “uma bela capa babilônica” (Josué 7.21). Se esta pessoa se fizesse representar em sua tumba com esta capa, diríamos que era um estrangeiro, provavelmente de região da Mesopotâmia e portanto não seria o caso.

³³ Os eruditos estão todos de acordo em reconhecer egeus nas tumbas tebanas, salvo alguns tipos chamados híbridos. Ver Vercoüter 1956 e Waschmann, 1987.

³⁴ Immerwahr, 1990, pl. 42 e 69 e Bietak, 2000.

encontrados materiais egeus em quantidade. A maior parte deles se encontra a apenas alguns quilômetros do litoral, mesmo se devemos atenuar estas observações como a dificuldade de transporte da cerâmica ao interior das terras³⁵.

No que concerne particularmente a questão da estadia de egeus na Síria-Palestina, eles ali ficavam, segundo Homero, na casa de ricos mercadores ou mesmo nos palácios dos reis³⁶. Estes textos poderiam explicar porque não foram encontrados elementos arquiteturais egeus no Oriente ou mesmo tabuinhas em argila com a escrita em linear B. É provável que os enviados egeus ao Oriente tenham sido, na maior parte dos casos, altos dignitários que comandavam frotas carregadas de mercadoria para comércio e que ficavam hospedados em casas de mercadores ou outras pessoas de alta classe e não definitivamente ou em local próprio, como colônias. Com efeito, as pesquisas arqueológicas não encontraram ainda traços de « colônias » ou mesmo casas ou tumbas com arquitetura egéia no Oriente. Os fenícios agiam certamente da mesma forma no mundo egeu. Segundo os textos homéricos, eles chegavam a um porto egeu e ficavam lá o tempo de fazerem comércio. Este tipo de estadia de egeus no Oriente mencionado por Homero deve corresponder ao período HR II e III, e não às colônias gregas dos séculos VIII e VII. Devemos ainda notar que nos poemas homéricos todas as estadias de chefes egeus no Oriente são longas e são realizadas com o consentimento e acolho de um grande personagem local. Podemos assim concluir com respeito a este tipo de estadia que ele não deixa traços arqueológicos arquiteturais, pois o lugar de habitação era local. Mesmo em caso de morte de um emissário egeu no Oriente, era provável que seu corpo fosse levado de volta ao mundo egeu para lá repousar na terra de seus ancestrais. Assim, a construção de uma arquitetura funerária não era necessária.

2. Caráter das estadias de Ulisses e de Menelau

No que concerne o fato dos homens de Ulisses saquearem o Delta do Nilo e uma possível relação a uma eventual participação de Egeus nas invasão do Egito pelos « povos do mar » na época de Ramsés III (por volta de 1186-1154, HR III C) veremos mais abaixo.

Mesmo levando em consideração todos estes textos em relação à toda a documentação arqueológica que dispomos, devemos continuar prudentes quanto ao mundo apresentado por Homero. É possível que fazendo menção da estadia de Menelau no Egito, o poeta esteja simplesmente sendo coerente não fazendo mistura de períodos, pois esta estadia é conforme à uma visita nos costumes comerciais e diplomáticos. Menelau se apresenta com sua frota como sendo rei (ou chefe ou príncipe, de acordo com as inscrições egípcias) de uma região do Egeu,

³⁵ Ver cartas dos sítios arqueológicos e questão em Menezes dos Santos, 2004, p. 36, fig.4 e p. 161, fig. 12.

³⁶ De acordo com o texto, Ulisses tinha sido convidado a se hospedar na casa do rei do Egito (*Odisséia*, XIV, 278-287). Difícil de saber se Homero se refere ao faraó ou a uma autoridade da região onde Ulisses tinha sido capturado.

após ter passado pela Fenícia. Em Tebas, com sua mulher Helena, são recebidos com as devidas honras por nobres da cidade, como tinham o costume de representar tais acontecimentos em suas tumbas. Por outro lado, a estadia de Ulisses é diferente e não oficial. Na realidade, ele parte de Creta, onde aparentemente ele não é nem chefe e nem rei.³⁷ e se aventura no Egito com homens que não possuem nenhuma ligação direta com ele nem com alguma região. Devemos notar que Ulisses não diz expressamente que seu objetivo era saquear a região do Delta do Nilo, mas seus homens agiram sem o seu consentimento. Inclusive ele é bem tratado pelo rei local, pouco tempo depois de ter sido feito prisioneiro. Quando Ulisses está na Fenícia, ele também não chega como chefe egeu. Por isso, como está só e sem frota ou mandato oficial, o mercador que o acolhe tenta vendê-lo como escravo.

Podemos assim pensar que paralelamente às relações comerciais de caráter formal entre o Egeu e o Egito, houvesse aventureiros não controlados pelo poder oficial que saqueavam regiões estrangeiras. Nesse sentido, sabemos pelas cartas de el-Amarna que elementos incontrolados, originários de regiões que mantinham relações regulares com o Egito, agiam desta forma no território egípcio. Em uma carta, por exemplo, o faraó reclama ao rei de Alasia (Chipre) a esse respeito. Este último responde que ele não estava ciente do caso mas que ele punirá os culpados quando forem capturados (*EA* 38).

Podemos pensar que as estadias de Ulisses e de Menelau não se referem necessariamente à duas tradições correspondentes a dois períodos diferentes, mas à formas diferentes de contato entre as duas regiões. O caso de Menelau representaria as formas oficiais, as mencionadas principalmente pela iconografia e epigrafia egípcias das tumbas tebanas, e a estadia de Ulisses uma forma mais independente e aventureira, representada principalmente pela menção de egeus que tentam invadir o Delta do Nilo na época das invasões dos « povos do mar ».³⁸ Não podemos porém descartar a possibilidade de Homero ter feito confusão com períodos diferentes de contatos. As estadias de Menelau seriam as que conheceram os egeus durante os HR II e III A-B e a de Ulisses as dos período final HR III C e os dois séculos seguintes, quando as relações estavam completamente desorganizadas pelos movimentos dos “povos do mar”.

³⁷ Homero não o associa a nenhuma cidade nem diz que ele tinha qualquer autoridade em Creta, mesmo se podemos imaginar que para equipar navios era necessário ser alguém importante e com meios.

³⁸ Podemos notar que sob o reino do sucessor de Ramsés II, Merenptah (1212-1202, HR III B), faz-se menção de uma tentativa de invasão do Egito pelos “povos do mar”, mas os Egeus não são mencionados entre os invasores. Porém, sob o reino de Ramsés III (1185-1153, HR III C), uma outra tentativa de invasão do Egito por estes mesmos povos parece ter tido o apoio de egeus, pois em algumas inscrições, Ramsés III diz ter combatido, entre outros, “os estrangeiros do Norte que estavam em suas ilhas” ou que “vinham de suas ilhas”. Vercoüter, 1956, p. 141-142, n° 43-44; p. 143, n° 45 e p. 144, n° 46 e 47. Durante a época de Ramsés III, a civilização egípcia do Bronze Recente está em via de desorganização completa em relação aos períodos precedentes. É portanto provável que egeus tenham efetivamente tomado parte na tentativa de invasão do Delta do Nilo, seja de livre vontade, seja forçados pelos invasores que tinham passado pela Grécia e feito destruições. Pode ainda ser que egeus que não tinham nada mais a perder se aventuraram para encontrar novas regiões onde se estabelecer.

3. O Mundo da *Ilíada* e da *Odisséia*

De acordo com as relações internacionais do mundo egeu mencionadas por Homero e comparadas com os dados arqueológicos, os poemas homéricos podem estar fazendo referência ao período que corresponde ao HR II e III³⁹. Os argumentos avançados por Hood⁴⁰, segundo os quais o material descrito por Homero não pertenceria ao mundo do HR II e III A e B não invalidam o fato de que o poeta possa ter misturado alguns elementos da vida material com elementos históricos mais antigos em relação a sua época.

Sem levar em conta o fenômeno de revisão, de atualização e de mistura de períodos que podem ter sofrido a *Ilíada* e a *Odisséia*, é provável que o poeta se refira a uma época bastante antiga, em relação a ele, no que concerne a visão geral do mundo, mas no momento de descrever a vida material o autor tenha utilizado os objetos de uma época mais recente. Este fenômeno pode se explicar pelo fato que o mundo miceniano, com suas cidades poderosas e fortificadas e suas relações com regiões prestigiosas do Oriente, possa ter marcado o pensamento e o consciente da população muito tempo após seu declínio. Porém, os detalhes concernentes os objetos e traços da vida quotidiana podem ter se perdido com o passar do tempo. Para contornar este problema o poeta pode ter recorrido ou à uma invenção pura e simples ou à apresentação de algo que ele conhecia acrescentando modificações para dar uma aparência de antiguidade, para impressionar seu público.

Tomando em consideração as passagens dos poemas homéricos que mencionam as relações entre o mundo egeu e o Oriente (Chipre, Síria-Palestina e Egito), podemos considerar que elas apresentam numerosos elementos interessantes com os dados arqueológicos. Se consideramos que o objetivo dos poemas homéricos não era o de apresentar a história do mundo grego com fidelidade, mas o de encantar o público com o estranho e maravilhoso, podemos mesmo assim encontrar neles elementos que não estão em oposição aos períodos HR II e III, no que concerne as relações internacionais.

Entre o fim do HR III C e o VIII século as importações gregas no vale do Nilo são praticamente inexistentes e nada permite envisajar uma presença substancial de Gregos no Egito e na Síria-Palestina⁴¹. Portanto, não podemos imaginar que Homero se inspire desta época na apresentação dos textos de relações exteriores do mundo egeu.

³⁹ Insistimos sobre o fato de compararmos os elementos de relações internacionais e não os poemas homéricos em geral.

⁴⁰ “None of material objects described by Homer need be dated before the end of LH III B.” Hood, 1995, p. 30.

⁴¹ Baurain, 1997, p. 144-145 e p. 302. O caso de Chipre é diferente, pois se a presença de gregos pode ser atestada à partir de 1200, as transações comerciais entre as duas regiões diminuem consideravelmente, por causa da instabilidade política da época. Entre 1200 e 750, o Egeu conheceu um recuo considerável das relações com o

Conclusão

Os dados arqueológicos referentes às relações entre o mundo egeu e o Oriente durante o HR II e III, nos mostram um forte caráter comercial (objetos e pessoas) e diplomático e uma ausência de rivalidade. Estes elementos são bastante conformes os textos da *Iliada* e da *Odisséia*. Nas inscrições e na iconografia das tumbas de Tebas, onde os Egeus são representados, eles são muitas vezes colocados em relação estreita com a Síria-Palestina (siro-palestinos e egeus juntos, no mesmo quadro, oferecendo presentes no Egito), o que confirma a grande quantidade de sítios arqueológicos siro-palestinos com material egeu. Também os poemas homéricos associam os egeus à Síria-Palestina em viagem ao Egito ou retornando de lá.

É interessante notar que Homero, um poeta do IX ou VIII século, faz muitas referências à Tebas do Egito, capital durante os séculos do HR II e III, mas que caiu pouco a pouco no esquecimento após o final do HR III C quando a capital se mudou para o Delta do Nilo. Também é em Tebas que foram encontradas todas as tumbas que possuem representações de Egeus.

“O mundo dos poemas homéricos se refere tanto a época miceniana como a época da idade obscura e a época geométrica. Devemos nos apoiar sobre as evidências arqueológicas ou epigráficas para saber a qual período pertence tal ou tal elemento apresentado por Homero.⁴²” Portanto, no que concerne especificamente as relações internacionais do mundo egeu, nos parece, apoiados nos documentos arqueológicos diversos, que o quadro geral apresentado na *Iliada* e na *Odisséia* são conformes (com reservas, obviamente) aos períodos HR II e III A e B, ou seja entre 1500 e 1180.

Oriente (p. 253). « Os contatos (de Chipre) do final do final do Bronze Recente que existiam entra a Síria-Palestina, a Creta e de uma maneira geral com o Egeu [...] parecem que pararam. » (p. 254).

⁴². R. Etienne, C. Müller e F. Prost, 2000, p. 47-48.

BIBLIOGRAFIA

BAURAIN, C. *Les Grecs et la Méditerranée orientale, des siècles obscurs à la fin de l'époque archaïque*, Paris: PUF, 1997.

BIETAK, M. 'Rich beyond the dreams of Avaris: Tell el-Dab'a and the Aegean world-a guide for the perplexed'. A response to Eric H. Cline (Pl. A-C), *BSA* 95, p. 185-206, 2000.

CHADWICK, J. *e al. Corpus of Mycenaean inscriptions from Knossos*, vol I: *Tablets 1-1063*, Cambridge-Rome, 1986.

CLINE, E. *Sailing the Wine-Dark Sea: International Trade and the Late Bronze Age Aegean*, Oxford : Tempus reparatum, 1994.

DICKINSON, O. Homer, the poet of the Dark Age, *Greece and Rome* 33, p. 20-37, 1986.

DOUMAS, C. G. Aegeans in the Levant : myth and reality, in Gitin S., Mazar A. et Stern E. (éd.). *Mediterranean peoples in transition. Thirteenth to early tenth centuries BCE. In honor of Professor Trude Dothan*, Jérusalem, p. 129-137, 1998.

DUHOUX, Y. Des Minoens en Égypte? "Keftiou" et "les îles au milieu du Grand Vert", *Publications de l'Institut Orientaliste de Louvain* 52, Louvain-La-Neuve, 2003.

ETIENNE, R., MÜLLER, C. e Prost, F. *Archéologie historique de la Grèce antique*, Paris : Ellipses, 2000.

GALE, N. et STOS-GALE, Z. Copper oxhide and the aegean metals trade, *Aegaeum* 20, I, p. 267-276, 1999.

HANKEY, V., ASTON, D. 1995: Mycenaean pottery at Saqqara, dans Carter J. B. et Morris, Sarah P. (éd), *The Ages of Hommer. A Tribute to Emily Townsend Vermeule*, Austin, p. 67-91, 1995.

HELTZER, M. The trade of Crete and Cyprus with Syria and Mesopotamia and their eastern tin-sources in the XVIII-XVII century B.C., *Minos* 24, p. 7-27. 1989.

HOMERE. *Iliade*, Robert Flacelière, Paris : Gallimard, 1955.

HOMERE. *Odyssée*, Victor Bérard, Paris : Gallimard, 1955.

HOOD, S. The Bronze Age context of Homer, in Carter et Morris, 1995.

IMMERWAHR, S. A. *Aegean painting in the Bronze Age*, Pennsylvania State University Press, 1990.

KARAGEORGHIS, V. Cyprus and the Western Mediterranean: Some new evidence for interrelations, in Carter J.B. et Morris S.P. (eds.), *The Ages of Homer, a tribute to Emily Townsend Vermeule*, p. 93-98, Austin, 1995.

KILLEN, J.T., e OLIVIER, J-P. The Knossos Tablets. 5th Edition. *Minos Supplement 11*, Salamanca, 1989.

MENEZES DOS SANTOS, R. *Monde égéen et Syrie-Palestine dans le contexte des relations en Orient au cours de l'Helladique Récent (XVe-XIIIe siècles av. J.-C.)*, Lille: ANRT, 2004.

MOSCATI, S., (dir.) *Les Phéniciens*, Paris : Stock, 1997.

MOSSMAN, S. Mycenaean Age lead : a fresh look at an old material, in Gillis, C., Risberg, C. e Sjöberg, B. (eds.) *Trade and production in premonetary Greece. Acquisition and distribution of raw materials and finished products, Proceedings of the 6th International Workshop, Athens 1996*, Jonsered, p. 85-119, 2000.

POMEY P. (dir.) *La navigation dans l'antiquité*, Aix-en-Provence : Edisud, 1997.

TREUIL, R, e al. *Les civilisations égéennes du Néolithique et de l'Age du Bronze*, Paris : PUF, 1989.

VENTRIS, M., CHADWICK, J. *Documents in Mycenaean Greek*, Cambridge, 1973.

VERCOUTTER, J. *L'Egypte et le monde égéen préhellénique*, Paris : Bibliothèque d'Etude, n°. 22, 1956.

WACHSMANN, S. *Aegeans in the Theban tombs*, Leuven: Peeters, 1987.

WARREN, P. M. e HANKEY, V. *Aegean Bronze Age chronology*, Bristol: Bristol Classical Press, 1989.